

TRABALHO NOTURNO:

A prostituição de travestis na cidade de Ponta Grossa/PR

Rafael Bozzo Ferrareze^()*

Resumo

Este trabalho é um relato das narrativas contadas pelas travestis que trabalham em meio à prostituição na cidade de Ponta Grossa/PR. Nosso intuito foi tentar entender, através de suas falas, como se dão seus cotidianos de trabalho na prostituição em meio à noite e como elas mesmas se veem em meio à sociedade em que se encontram inseridas.

Palavras - chave: Narrativas. Travestis. Prostituição. Trabalho.

Abstract

This paper reports the narratives told by transvestites battling amid prostitution in the city of Ponta Grossa/PR. Our objective on this was to try to better understand through his lines as if they give their daily work in prostitution in the night and how they see themselves in the midst of society that are inserted.

Keywords: Narratives. Transvestites. Prostitution. Work.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma investigação realizada na ONG Renascer, na cidade de Ponta Grossa/PR. Nesse local, travestis, transexuais bem como a comunidade em geral são atendidos através de assistências psicossociais e profissionalizantes. É em meio às participantes deste grupo que abordamos nossa temática neste trabalho, dando assim voz e vez a estas profissionais estigmatizadas socialmente.

Escolhemos falar sobre prostituição de travestis por se tratar de nosso tema de dissertação no mestrado, sabendo que através deste trabalho colheríamos diversas informações relevantes e teríamos um contato inicial com este campo, que muitas vezes se mostra fechado ou de pouco acesso à comunidade. É importante dizer que utilizamos, neste trabalho, o artigo feminino “a” (em concordância a outros autores que pesquisam estes temas), para me referir a este público, pois é como gostam de serem reconhecidas, como pertencentes ao gênero feminino (PELÚCIO, 2004; BERUTTI, 2010).

^(*) Universidade Estadual do Centro-Oeste. Departamento de Saúde. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário (PPGDC) – UNICENTRO. E-mail: rafaelferrareze@hotmail.com.

Também é de grande importância salientar os dados da violência e do preconceito contra travestis e transexuais no Brasil. No ano de 2011, o Grupo Gay da Bahia (GGB), documentou 266 assassinatos de LGBT's, destes 98 casos eram de travestis e transexuais, colocando nosso país em primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos. Especificamente, a região Sudeste e Sul tem uma porcentagem de 34% destes homicídios, perdendo apenas para a região nordeste com um índice de 46% destas mortes. Esses dados, levantados pelo Grupo Gay da Bahia e relatados no relatório anual de 2011, seguem sendo documentados.

O relatório de 2011 apresenta mortes com alto teor de crueldade, não apenas nos casos de travestis e transexuais, como de outros cidadãos LGBT. É o caso de Idete, travesti de 24 anos, ex-moradora de Campina Grande na Paraíba, que teve sua execução filmada e divulgada na internet enquanto levava 32 facadas antes de morrer. Crimes como estes, de ódio, muitas vezes a sociedade nacional ou local, prefere fazer de conta que não estão acontecendo, que não existem. (GGB, 2012). Ainda uma pesquisa realizada pela ONG internacional Transgender Europe, relatou que entre janeiro de 2008 e abril de 2013, foram registradas 486 mortes de travestis e transexuais, superando o México, segundo país com mais casos registrados. Observando tais porcentagens podemos pensar em vários fatores oriundos do preconceito contra identidade de gênero e orientação sexual de alguns seres humanos. Portanto, faz-se necessária a disseminação de informações inerentes a estes públicos às comunidades, para que estas em prévio contato saibam quem eles são, o que pensam, desejam e reivindicam, e este seria um dos principais objetivos de nosso trabalho.

METODOLOGIA

Para melhor compreender os processos realizados neste trabalho vamos conhecer os caminhos percorridos em torno da formação dessa pesquisa. Minayo (2013, p. 14) nos mostra que o caminho metodológico é formado pelo método a ser utilizado, pelas técnicas de abordagem e a criatividade do pesquisador, sendo estas suas experiências, sua capacidade pessoal e sensibilidade. Fica claro que a metodologia é o coração e o norteador da pesquisa, devendo ser considerada de suma importância tanto para a elaboração como para a execução dela. O método utilizado neste trabalho foi a pesquisa qualitativa que segundo Gaskell (2002, p. 73) “[...] pretende visibilizar espectros de um ponto de vista”, tendo ainda como roteiro norteador as entrevistas não estruturadas,

possibilitando-nos assim a construção de uma série de possibilidades de informações (MINAYO, 2004).

Usamos como material de apoio para a construção de nossas informações captadas mediante este processo a técnica de história oral, que para Thompson (1992) é uma história construída em torno de pessoas, que traz a história para dentro da comunidade e a extraíndo daí, contribuindo também para a formação de seres humanos completos. Através desta técnica pudemos ouvir e perceber abertamente os relatos e experiências vividas, como menciona Meihy ao dizer que tal técnica é “uma prática de apreensão de narrativas [...] destinada a recolher testemunhos [...] análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio [...]” (MEIHY, 2005, p. 9).

As informações colhidas através das entrevistas foram analisadas sob a ótica da análise narrativa segundo Benjamin (1987, p. 205): “A narrativa [...] não está interessada em transmitir o puro e simples da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. O processo narrativo faz parte primeiramente do entendimento e do sentido que o narrador tem e passa das histórias obtidas. Dutra (2002, p. 373-374) também nos mostra que: “Através da narrativa podemos nos aproximar da experiência tal como ela é vivida pelo narrador [...] O narrador não informa sobre sua experiência, mas conta sobre ela”.

Ao todo pudemos ouvir as histórias narradas de quatro travestis, tendo aqui seus nomes modificados para garantia do sigilo ético da pesquisa. Seus nomes fictícios aqui são: Belabe, Belinda, Kerly, Lorelay, escolhidos aleatoriamente.

BREVE HISTÓRICO SOBRE TRAVESTIS NO BRASIL:

Antes de começarmos falando especificamente de um grupo, movimento ou coletivo das travestis, é importante mencionar que estes surgiram em meio a grandes embates com o próprio público gay e lésbico. A não aceitação de travestis no movimento gay e lésbico na década de 1970 se dava pelo fato de elas, no imaginário dos militantes, não serem vistas e nem quistas pela sociedade como pessoas que trariam uma boa imagem para o movimento (FACCHINI, 2002). Esta situação de exclusão e estigma pelas travestis não é algo exclusivo do movimento LGBT brasileiro, que buscava uma identidade social de aceitação pela sociedade, pautando-se em valores e posturas morais. No continente norte americano não só as travestis como também prostitutas, gays efeminados, garotos de programa entre outros, sofriam o mesmo preconceito,

surgindo então na segunda metade da década de 1980 um movimento e uma teoria que pudesse também os representar e dizer o que queriam. Este movimento intitula-se teoria queer¹, um arsenal não só de pensamentos, pesquisas e ações, mas uma “salvação” para estes públicos tidos como abjetos² em meio à sociedade.

Queer, primeiramente, diferente do que muitos imaginam, não é uma palavra agradável, em sua tradução do inglês para o português, pois significa esquisito, bicha, homossexual efeminado (MISKOLCI, 2013). Sendo assim Richard Miskolci em seu livro “Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças” (2013), nos mostra que a ideia que expressa à nação estranha, ou bicha é a de que parte de toda a nação foi rejeitada, humilhada sendo considerada abjeta, motivo de desprezo e nojo pelo advento do HIV/Aids. Surge então o movimento queer em reação e resistência a um novo momento em que o mundo inteiro se encontrava em histeria por causa da Aids (MISKOLCI, 2013). O autor ainda nos informa que este movimento vem para mostrar e dizer a sociedade: “olha, mesmo os gays e as lésbicas respeitáveis em certos momentos históricos serão atacados e novamente transformados em abjetos [...]”, reforçando que o queer não é uma defesa da homossexualidade, mas sim a recusa dos valores morais que cerceiam e fazem valer as abjeções. Estes lutam para tornar visíveis as injustiças e violências exercidas contra eles. (MISKOLCI, 2013, p. 24, 25).

Sabemos que o histórico do surgimento de travestis tanto socialmente como em forma de atores políticos também portadores de direitos sociais ocorrera de forma difícil. As primeiras aparições de travestis nos contextos sociais datam dos anos de 1970, quando elas começaram a frequentar os espaços de sociabilidade em grandes capitais, como praças públicas, casas noturnas, bares e avenidas. Na maioria dos casos todas as vezes que se viam travestis nestes ambientes, elas estavam em função de seus trabalhos, no caso a prostituição (PERLONGHER, 1987; GREEN, 2000, FACCHINI,

¹ A Teoria Queer é uma teoria sobre o gênero que afirma que a orientação sexual e a identidade sexual ou de gênero dos indivíduos são o resultado de um constructo social e que, portanto, não existem papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana, antes formas socialmente variáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais. Para maiores informações consultar os autores: LAURETIS, Teresa (1980), MISKOLCI, Richard (2013), SCOTT, Joan (1995), BUTLER, Judith (2003), Louro, Guacira (2000).

² A abjeção se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política [...] Em termos sociais constitui a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade [...]. Podendo em uma definição mais simples significar, pessoas anormais (não sendo homo ou heterossexuais de classe média, pele branca e cristãos). (MISKOLCI, 2013, p. 24).

2002). O surgimento das travestis em meio à sociedade causou espanto nas pessoas que passavam por onde elas estavam, como relata João Silvério Trevisan:

[...] o que mais me surpreendeu foi à presença maciça de travestis prostitutas no centro de São Paulo. Não eram um ou dois, mas dezenas que se multiplicavam a cada semana [...] As pessoas que passavam pelo centro [...] olhavam entre boquiabertas e fascinadas aquelas putas escandalosas, de voz grossa, traços geralmente mais duros e pés grandes, assediados por carros que paravam e acertavam o preço (TREVISAN, 1997, p. 74-75).

A não aceitação tanto socialmente como dentre os militantes gays era algo visível na vida dessas pessoas (CARVALHO e CARRARA, 2013). Sem contar que os primeiros relatos da aparição de travestis advêm dos carnavais brasileiros (sendo vistas como espalhafatosas e promiscuas) fora destes as mesmas sempre estiveram vinculadas a prostituição, HIV/Aids e as violências policiais (SILVA, 1993). Através destes fatos é que se constituiu a organização de um movimento travesti. A aparição de movimentos ativistas dessas pessoas ocorreram a partir da década de 1990, quando um grupo de travestis que se prostituía na praça Mauá, Rio de Janeiro se reuniu no Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER)³ no intuito de formar a primeira organização política de travestis em resposta às inúmeras violências sofridas por policiais por se prostituírem. Essa instituição recebeu o nome de Associação das Travestis e Liberados⁴ do Rio de Janeiro (ASTRAL⁵). Como proposta inicial de formação deste grupo, suas primeiras ações visavam impedir a prisão de travestis indiscriminadamente e de esclarecimento sobre o HIV/Aids para essas profissionais e para a população que as tinha como portadoras e transmissoras do vírus. (CARVALHO, 2011).

Até o início dos anos de 1990 as travestis não participavam formalmente do movimento gay e lésbico. Com o ganho gradativo de visibilidade destes grupos, elas puderam encontrar um espaço dentro do movimento gay e lésbico, como ocorreu no ano de 1995 no VIII Encontro Brasileiro de Gays e Lésbicas, quando as travestis passaram a fazer parte da sigla do movimento, representadas pela letra “T”. A participação estendeu-se também aos encontros nacionais, como aconteceu em 1997 no

³ Instituto Superior de Estudos da Religião – ISER: para maiores informações disponível em: <http://www.iser.org.br/website/>

⁴ Liberados: O termo liberado se refere as pessoas que não se importam com relacionamentos sejam com gays, com travestis ou com transexuais. Para maiores informações ver o texto: CARVALHO, Mario; CARRARA, Sergio. **Em direção a um futuro trans? Contribuições para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil**. Revista latino-americana, nº 14, agosto de 2013, p. 319-351, Rio de Janeiro.

⁵ Associação das Travestis e Liberados (ASTRAL). Disponível em: <http://www.aids.gov.br/endereco/associacao-de-travestis-transexuais-e-transgeneros-de-goias-astralgo>

Encontro Brasileiro de Gay, Lésbica e Travesti (EBGLT⁶) (SIMÕES e FACCHINI, 2009; CARVALHO e CARRARA, 2011). Outro fato que trouxe grande visibilidade para as travestis em nossa contemporaneidade foi a data comemorativa do dia 29 de janeiro, em que se comemora o “Dia da Visibilidade Trans⁷”. A Escolha desta data, segundo Carvalho e Carrara, (2013, p. 343): “[...] destoa da escolha do dia 28 de junho [...] Dia do Orgulho Gay, pois não marca uma batalha de resistência, mas um momento simbólico de reconhecimento do movimento de travestis e transexuais pelo poder público”.

A PERCEPÇÃO TRAVESTI SOBRE SI

As narrativas que apresentaremos trazem informações do início da vida de nossas entrevistadas, fatos estes que as marcaram de diferentes maneiras, fazendo-as entender um pouco de quem são e o que perceberam de si no decorrer de suas vidas, narrando-nos suas histórias a partir do momento em que se perceberam como pertencentes a outra identidade de gênero. Aqui tentaremos mostrar, segundo suas falas, que os processos sofridos não são simplesmente escolhas de vidas fáceis ou safadeza, entre tantos outros apontamentos que a sociedade lança sobre estas. Ao contrário, estas posições escolhidas são processos que permearam e ainda permeiam a história de muitas dessas atrizes sociais. A coragem em se assumir e decidir viver suas vidas da forma que as tornariam felizes geraram inúmeras punições a estas profissionais, pois por não pertencerem à chamada norma sexo-gênero estas protagonistas sofreram o que Silva (2008, p. 141) menciona:

Os transgressores da norma geral estabelecida são fadados a severas punições, construídas pelas táticas eficazes e sutis da interdição. Do ponto de vista objetivo e legal, a sociedade brasileira não pode mais perpetrar a punição física pela “ordem” do Estado. Mas as penalidades são praticadas, e elas respondem por inúmeras mortes de pessoas consideradas “anormais” [...].

Como a norma geral estabelecida é a binaridade heteronormativa existente e “unicamente” aceita perante a sociedade, os/as fugitivas deste mecanismo de gênero/sexo dentro da sociedade não “sofrem mais punições” legais advindas do Estado, porém essas punições circunscrevem-se em atentados dentro da sociedade a estas

⁶ Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis – EBGLT. Mais informações ver o site: <http://www.abglt.org.br/port/index.php>

⁷ Dia da Visibilidade Trans. Para mais informações ver o site: http://www.riosemhomofobia.rj.gov.br/campanha/ver/9_dia-da-visibilidade-trans---29-de-janeiro

populações (SILVA, 2008, p. 142). Reforçando nosso entendimento, Namaste (1996) afirma que “as pessoas que transgridem a norma sexo-gênero são vulneráveis a agressões e atos violentos [...]”. Muito se tem lutado para mudar não só a visão, mas a compreensão da sociedade de que essas pessoas existem, possuem desejos, sonhos, vontades muito maiores que os destinos a que são muitas vezes obrigadas, por falta de oportunidade, a traçar em suas vidas. Neste Trabalho mostraremos algumas informações acerca de suas idades, cidades natais, nível de escolaridade e um pouco de suas descobertas de si.

Lorelay, hoje com 37 anos, possui o ensino médio completo, é natural de Ponta Grossa/PR e mora com sua família. Lorelay, que se considera travesti, disse-nos que descobriu-se assim aos 12 anos de idade. Ela sempre quis ser uma mulher: “[...] com 13 anos eu já sabia realmente o que eu queria ser, uma travesti, eu não queria ser gay, de jeito nenhum! Eu queria me inspirar em mulher, então hoje eu sou uma grande de mulher” (Lorelay).

Kerly, a mais nova de nossas entrevistadas, tem 26 anos, possui o ensino médio incompleto. Ela me disse que largou os estudos no 1º ano do ensino médio. Kerly é natural de Balneário Camboriú no estado de Santa Catarina e se considera travesti. A entrevistada, assim como a maioria delas, me disse que sempre gostou de coisas do universo feminino, sempre brincado com esses elementos durante sua infância. E conta: “Foi na minha adolescência que eu comecei a perceber que existia em mim um lado mulher. Não queria mudar de sexo, mas queria ter seios, nádegas, corpo de mulher. Minha indecisão sempre foi se eu era uma gay ou uma mulher” (Kerly).

Em meio as essas indecisões e descobertas, Kerly relata-nos que sua família nunca prestou-lhe muita atenção. E afirma ter mais cinco irmãos e que seus pais se preocupavam mais com eles do que com ela. A entrevistada afirma que seu pai percebeu que ela gostava mais de coisas femininas e de estar com sua mãe e irmãs do que com ele e seus irmãos, e por isso a deixava mais com as mulheres da casa. Kerly dizia adorar tal atitude, pois assim poderia brincar com as bonecas de suas irmãs e ficar mais próxima destas. Passados os anos a entrevistada dissera ter começado a se transformar mais tarde (por volta dos 19 anos).

Belabe, travesti militante do movimento LGBT na cidade de Ponta Grossa/PR, tem 42 anos de idade, é natural da cidade de Cachoeira do Sul no estado do Rio Grande do Sul. Esta cursa o supletivo, está quase terminando o ensino médio. Ela nos disse que pretende terminar esta fase e ingressar na universidade, quer ser professora de geografia.

Belabe nos disse que se percebeu como travesti aos 12 anos de idade, morava apenas com sua mãe que faleceu quando ela tinha esta idade mesmo. Após a morte de sua mãe, foi morar com seu pai, no entanto, por se assumir como travesti, foi posta para fora de casa. Belabe afirma que: “[...] foi toda uma construção até meus 18 anos onde fiquei completa, com aparência feminina, de mulher” (Belabe).

Belabe disse-nos ainda que após seu pai lhe mandar para fora de casa, ela foi morar na zona do meretrício, lá sofrendo diversas agressões tanto por parte dos clientes como por parte das travestis que moravam com ela. Tinha 12 para 13 anos quando saiu de sua casa, não possuindo uma orientação ou alguém que pudesse lhe estender a mão naquele momento. Dissera ainda que seus parentes, assim como seu pai, nunca a procurou, até os dias de hoje. No entanto, Belabe, através de seus esforços, conseguiu dar a volta por cima. Atualmente possui um emprego com registro em carteira, casa, constituiu família na cidade de Ponta Grossa/PR e conseguiu ser vista e respeitada pela comunidade em que vive.

As breves histórias que acabamos de relatar dão início a toda uma discussão acerca do cotidiano de trabalho das travestis entrevistadas. Em quase todos os depoimentos apresentados notamos que o abandono familiar, a falta de compreensão e as inúmeras vulnerabilidades pelas quais passaram - e aqui destaco como sendo a maior a não inclusão em um mercado de trabalho formal – levaram-nas para os espaços de prostituição como único meio de sobrevivência. Peres sustenta este pensamento ao dizer que:

[...] Urge a necessidade de uma agenda de pesquisas mais compromissadas de estudos dessa comunidade que ainda é muito negligenciada pelas políticas públicas de inclusão e empoderamento, deixando-as à deriva de todas as formas de estigmas, discriminações e violências pelas quais são vulnerabilizadas [...] (Peres, 2006, p.02).

O autor nos mostra que as travestis necessitam de políticas públicas que as incluam na sociedade de uma forma digna e efetiva. Estas profissionais carecem de uma maior atenção do Estado, sociedade civil e demais, no fomento de políticas efetivas e legítimas de inclusão no mercado de trabalho, na educação, na saúde, habitação e entre outros seguimentos (BRASIL, 2005). Se este público permanecer às margens da sociedade, vivendo precariamente e sendo entendido por uma parte significativa da população como pessoas que se utilizam da prostituição apenas como forma de prazer, o preconceito e a violência contra elas nunca acabará, o respeito e a compreensão de que pertencem à sociedade e assim como todos nós merecem nosso respeito jamais se efetivarão.

PROSTITUIÇÃO EM MEIO À NOITE

Sabemos que falar sobre prostituição seja de mulheres ou de homens é algo que encontra ainda, no seio da sociedade cristã, branca e patriarcal certo desconforto. Temos que mencionar que nesta sociedade são aceitos apenas comportamentos binários, ou seja, se é homem identifica-se como tal e se for mulher da mesma forma. Porém ao falarmos sobre as travestis entendemos que elas não se encontram nem no masculino e nem no feminino, estas como dizem, não são nem homens nem mulheres, são travestis (BERUTTI, 2008). Sendo assim, como aceitar ou compreender um indivíduo que foge do dito “normal” perante a uma comunidade? Como gerir políticas públicas e sociais a um público que podemos dizer, flutuante? Estas e outras perguntas advindas do pensamento social ressoam junto a dor, preconceito, violência e humilhação vivenciadas pelas travestis. Garcia reforça essa indagação: “Se não há o seu reconhecimento enquanto sujeitos, pelo próprio fato de não ocuparem um local definido nos ‘catálogos’ identitários reconhecidos na sociedade brasileira, torna-se evidentemente difícil sua inclusão como um segmento significativo nesse espaço público.” (2008 p. 248)

A prostituição entendida como troca de favores sexuais, segundo Cecarelli (2008), ainda é vista como uma escolha de vida fácil e imoral por grande parte da sociedade, que pensa que tais profissionais não possuem objetivos, planos e porque não dizer sonhos, vivenciando esta rotina de trabalho apenas por prazer, descartando muitas vezes, que tal labor é a única forma encontrada, momentaneamente, para sua sobrevivência, ou ainda, para aumentar a renda de seus familiares. Beritti (2008, p. 845) faz menção a este pensamento quando diz:

[...] está longe o dia em que a venda do sexo não será entendida como um ato sujo, feio, profano, pecador, imoral, mundano e danoso à ordem social. [...] Os estigmas são diversos, alguns são até evitados em nossa comunicação diária, mas revelam com acuidade o imaginário social e o processo de estigmatização por que passam as prostitutas.

O termo travesti, segundo Berutti (2008), deriva do verbo transvestir, ou transformar. Algo que é muito característico deste público são os nomes, vestimentas e outros aspectos femininos, bem como o uso de hormônios e silicone tendo como intuito alcançar formas femininas, impostas como perfeitas, ao exemplo de: seios fartos, quadris largos, pernas torneadas e o fundamental, glúteo avantajado. É sabido que

mesmo com todas as características físicas e esteticamente femininas, as travestis não se consideram mulheres, elas são, como afirma Berutti (2008,p. 847) “homens que ardentemente desejam homens, e que se modelam e se aperfeiçoam como um objeto de desejo para esses homens”. Há que se mencionar também que as travestis não desejam mudar seu sexo biológico, ou seja, passar pelo processo de redesignação sexual, convivendo bem com sua genitália (PELÚCIO, 2005).

Os processos construtivos dos corpos das travestis passam por diversas fases. Algumas reforçam que nunca param de se transformar, é um processo contínuo (PELÚCIO, 2005). Mas que transformações são essas enfrentadas pelas travestis? Elas nascem biologicamente pertencentes ao sexo masculino, no entanto, em determinada idade começam a perceber que sua identidade de gênero não corresponde ao seu interior. Assim como os homens homossexuais, assumem tal orientação sexual para si, no entanto acabam notando que mesmo como homossexuais lhes falta algo. Alguns autores como Larissa Pelúcio (2005) relata que a primeira fase de modificação na vida de uma travesti começa quando esta se assume como gay para família e sociedade. No entanto, pudemos ver durante a realização deste trabalho, que para as travestis a fase de iniciação seria o que é para Pelúcio o terceiro momento, o processo de hormonização. As entrevistadas relatam que vestir-se de mulher ou maquiarem-se não as tornam de fato travestis, e que em nossa atualidade homens que não se consideram travestis trajam roupas femininas e se maqueiam. O que as tornam de fato travestis é o momento em que iniciam-se as modificações corporais, e isso primeiramente através da ingestão de hormônios (comprados em farmácias por travestis que não conseguem pagar um tratamento de hormônio-terapia), passando posteriormente pela siliconização dos seios, quadris, nádegas entre outros. Neste processo de siliconização, travestis de baixa renda recorrem às chamadas bombadeiras (geralmente são travestis mais velhas que aplicam a injeção de silicone industrial), tornando-as assim, como muitas costumam dizer, mais vistosas, atraentes e femininas (Pelúcio, 2005).

Para as travestis, o desejo de se tornarem mulheres ou de ter elementos do público feminino em seus corpos não as impedem de conviver com seu órgão sexual de nascença, pois as relações identitárias constituintes no corpo travesti excluem a importância ou o desconforto de seu falo, ou uma necessidade de se ter em um corpo feminino o órgão decorrente deste sexo, excluindo assim a possibilidade de se submeterem a cirurgia de redesignação sexual.

É importante notar que travestis não se enquadram nos gêneros binários, elas transitam em meio aos dois, masculino e feminino, deixando assim a livre escolha de orientação sexual e de identidade de gênero para cada uma delas. Como relata a travesti Belabe ao contar-nos que é casada com uma mulher há vinte e um anos, tendo com sua esposa uma filha de vinte anos e se considerando heterossexual. Ela me explica que mesmo tendo um corpo feminino e se relacionando com uma mulher, ainda possui um pênis, tornando-a no seu relacionamento conjugal o “homem”. Nesta fala da entrevistada cabe a análise de que o contexto familiar vivenciado por Belabe exprime a ideia de que pelo fato de ter um pênis ela tem que ser o homem da relação, ou o homem da casa, mesmo possuindo seios, cabelos compridos e um corpo delineado por curvas acentuadas e suavizadas, inerente do perfil feminino.

Inconscientemente a ideia de Belabe a inclui dentro do padrão heteronormativo binário imposto pela sociedade, em que existem apenas indivíduos masculinos e femininos e ambos relacionam-se apenas uns com os outros (Pelúcio, 2004). Don Kulick (2008), em sua pesquisa etnográfica com travestis da cidade de Salvador/BA, mostra-nos que elas agregam a identidade feminina ou masculina no ato sexual. Segundo suas entrevistas, se um homem as procura para ser passivo em seus programas estas o consideram como fêmea, o mesmo ocorre ao inverso, denotando o perfil macho para os homens que desenvolvem performances de ativos nas relações sexuais. Atentando a pesquisa de Kulick podemos então sugerir que Belabe, por fazer o papel de ativa em suas relações sexuais conjugais, também inconscientemente agrega esta posição de macho dentro de sua casa.

Sequenciando o (não) entendimento da população sobre este público, pois, grande parte das pessoas acreditam que a única ocupação das travestis é serem profissionais do sexo, sabe-se que elas não se encontram apenas nestes espaços de provimento de renda.

As histórias narradas no período de iniciação ou descoberta de suas identidades sexuais estão atreladas ao preconceito familiar, abandono e exclusão por parte das pessoas mais importantes na formação de um ser humano, pai e mãe. Nos relatos contados por todas as participantes em questões inerentes a suas histórias de vida e percepção de seu momento de descoberta, vimos que as mesmas sempre estiveram ligadas ao mundo feminino heteronormativo, seja através de relacionamentos de amizades com meninas, mãe ou irmãs ou tendo contato com símbolos deste universo,

como bonecas, calcinhas, sapatos, roupas de mulher entre outros. As participantes diziam se sentir bem tendo contato com estes objetos como relata Kerly ao dizer-nos:

“Sempre gostei de coisas de mulher, quando era criança costumava andar em minha casa com os saltos e com as roupas de minha mãe, neste momento eu me realizava, era eu mesma, estava feliz” (Kerly).

Kerly se realizava nesses momentos, pois tinha a liberdade de brincar ou de ser o que ela realmente gostava de ser naquela hora. Sem a imposição da sociedade ou de seus pais, Kerly, já sabendo o que eram símbolos do masculino e do feminino, preferia brincar ou se ver com apetrechos femininos, pois mesmo brincando de carrinho ou jogando bola, coisas impostas socialmente a meninos, Kerly se realizava andando com o salto e usando as roupas de sua mãe. Tendência apresentada também por Lorelay quando relata-nos: *“[...] me descobri de fato aos 12 anos de idade, porém antes dos 12 anos eu já apresentava a tendência, o desejo de usar roupas da minha mãe, das minhas irmãs, eu tinha curiosidade” (Lorelay).*

Lorelay confessa ter tido vontade de se vestir de mulher antes da idade adulta, o universo feminino já chamava sua atenção, como ela mesma disse, tinha curiosidade em conhecer, sentir não apenas as vestes femininas, como a sensação que tal vestimenta lhe traria, a sensação que teria uma mulher em usar tais roupas. Ainda em seu relato continua dizendo: *“Com 12 anos de idade matei minha curiosidade, eu comprei minha primeira calcinha, comecei a estender escondido no meu quarto pra ninguém descobrir” (Lorelay).*

Lorelay precisou sanar suas dúvidas sobre tais sentimentos, comprou o que para as travestis é um dos elementos essenciais de feminilidade (PELÚCIO, 2005), a calcinha, e percebeu que realmente esta lhe fazia se sentir bem. Como referido, os elementos femininos sempre permearam as histórias dessas atrizes: esses elementos pertencentes à mãe ou a irmã fizeram parte não apenas de seus imaginários de feminilidade como de uma possível construção de si. Mesmo inconscientemente essas correlações mãe – feminino – mulher proporcionaram experiências iniciais na vida dessas travestis e transexuais. Como afirma (MORRIN, 2003) ao dizer que “toda experiência é uma troca de saberes [...]”. A primeira ou as primeiras mulheres em quem as travestis se espelham são as mães, irmãs ou outras mulheres, membros de seu grupo familiar. Por não apresentarem um padrão binário esperado pela sociedade, as travestis, não conseguem inserir-se no mercado de trabalho formal, é o que relata Pâmela Volp

presidente da ONG Triângulo Trans em entrevista cedida ao jornal eletrônico, *Correio de Uberlândia*:

[...] o preconceito e a falta de oportunidades são os principais fatores para que a maioria permaneça na prostituição. “Falta oportunidade tanto de se profissionalizar quanto de emprego. E isso é por conta do preconceito. Quando uma travesti vai a uma empresa procurar trabalho, ela é malvista, olham com desprezo e dão um jeito de falar que a vaga já foi preenchida” (Pâmela Volp para o Correio de Uberlândia, 2014).

Sem o apoio de seus familiares, com idades inferiores para o trabalho formal, muitas vezes fora da escola, a única alternativa que sobra para as travestis, segundo elas, é a comercialização de seus corpos. Belabe, que hoje dá sequência a seus estudos e trabalha registrada disse que: “[...] quando fui posta para fora de casa tive que escolher entre ser bandida, traficante ou vender meu corpo, eu preferi vender meu corpo a virar bandida ou traficante” (Belabe).

Geralmente quem lhes apresenta a prostituição como forma de trabalho são as amigas, que já se sustentam da mesma forma, tornando essa a ocupação principal e, para muitas, única forma de sustento. Como já foi enfatizado, no universo da prostituição, exige-se muita coragem por parte das travestis, pois como dito pelas entrevistadas, os perigos em se trabalhar como profissionais do sexo são diversos, desde roubo, violência até o uso de drogas por elas. Muitas vezes por serem novas e inexperientes, outras profissionais ou até mesmo clientes acabam se aproveitando desse momento, como nos conta Belabe ao relatar que para suportar a noite foi viciada em cocaína, álcool e moderadores de apetite: “As travestis me davam drogas para que eu ficasse viciada, eu entrava nos carros dos homens para roubá-los, porque se eu não fizesse aquilo elas me batiam [...]” (Belabe).

Portanto, em meio a toda situação de medo, fragilidade e abandono essas profissionais ainda se submetem a perigos dentro de seus próprios grupos para serem aceitas, pois sabem que se não praticarem ou usarem qualquer tipo de substância entorpecente não aguentariam tal situação. As entrevistadas ainda relatam que a falta de segurança, gangues, o preconceito e diversos atos de agressão envolvendo desde agressões verbais a físicas as deixam bem mais temerosas em trabalhar na noite. Estas profissionais lidam no trabalho, o tempo todo, com desconfiança, algumas relatam que o fato de não se saber se ao entrar em um carro irão sair é algo que as preocupa sempre, pois atendem a todo tipo de clientela, desde os que realmente vão em busca de satisfazerem seus desejos até os que possuem segundas intenções, de lhes machucar ou

até mesmo as matar. Em contrapartida, as entrevistadas dizem que o trabalho como profissionais do sexo lhes rendem um bom dinheiro, fazendo com que este valesse a pena correr tais riscos. É o que afirma Belinda: “[...] *tinha muito medo de entrar no carro dos clientes sem conhecer ou sem saber, pois já entrei em várias situações enganosas, porém, em meio a este trabalho ganha-se muito dinheiro e por este motivo valia a pena correr tal risco*” (Belinda).

A situação apresenta polaridades diferentes a estas profissionais. A maioria das pessoas não as aceita por suas formas de ser e agir, dificultando a elas acessarem os trabalhos formais. Ou seja, temos de um lado o emprego formal/registrado com salários fixos e do outro o trabalho informal/autônomo podendo variar, segundo as próprias informantes, em uma noite de atendimento, os rendimentos entre quinhentos a setecentos reais. As entrevistadas relatam que os rendimentos oriundos de seus trabalhos variam muito, porém sempre conseguiam no final do mês ter salários vantajosos. Elas sabem que a vida na prostituição tem tempo útil, entretanto, mesmo ganhando-se bem, preferiam um trabalho com carteira registrada, pois estes trariam maior estabilidade futura para elas, como o direito de se aposentarem.

As expressões, gestos e semblantes captados em Belabe ao dizer que possui hoje um trabalho registrado mostraram-nos uma possível aceitação e um distanciamento de que travestis só buscam na prostituição formas de provimento, pois ela estava ali, diante de nós, mostrando que conseguira superar esse estigma imposto a ela, deixando-nos claro que carteira registrada é sim um símbolo para essas atrizes de superação e conquista.

Falar aceitação de travestis na sociedade é algo que soa uníssono na fala das entrevistadas. Ao mesmo tempo em que essas profissionais querem se sentir seguras e aceitas em meio à comunidade, elas apresentam olhares e posicionamentos críticos e rigorosos a esse respeito. Kerly, referindo-se ao juízo de valor que muitos têm em relação às travestis, foi categórica ao dizer:

“[...] tanto faz o pensamento que a sociedade tem a meu respeito [...] não ligo para essa sociedade que durante o dia nos exclui, nos ignoram e a noite nos obrigam a atender todos os desejos dos homens dessa mesma sociedade. Então se é pra ser assim, eu é que não procuro saber o que pensam a meu respeito” (Kerly).

A ideia de Kerly expressa indignação e ao mesmo tempo uma revolta, sua fala apresenta a realidade situacional das travestis em nosso país. Tais profissionais não aparecem durante a luz do dia, é difícil ver uma travesti frequentando a escola ou a

universidade ou então exercendo algum tipo de cargo em uma empresa, escritório, entre outros. Na saúde, acredito que a situação seja pior, pois o simples fato de uma travesti ou uma transexual ser vista em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) ou que seja, em um Posto de saúde da Família (PSF) subentende-se que ela ou foi buscar remédios por ter HIV/aids ou foi fazer algum outro exame de DST. Kerly indigna-se porque segundo sua fala o mesmo homem que a agride, censura e a despreza durante o dia é, às vezes, o mesmo homem que a procura durante a noite. Onde nada se vê e tudo se permite, atuam as travestis e transexuais, permanecendo para a ordem social, invisíveis. Foucault lança uma discussão a cerca do tema sexo e sociedade reforçando nossa discussão quando diz:

O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado, o sexo, a permanecer na obscuridade, mas sim o terem se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como segredo (FOUCAULT, 1984, p. 42).

No tocante às suas relações de trabalho e clientela notamos que foi unânime a fala das participantes de que seus relacionamentos com seus clientes eram bons. Belabe em relação a este aspecto nos diz que sente saudades deste tempo, pois com alguns de seus clientes experimentou momentos que não teria vivenciado fora desta relação: *“Minha relação com os clientes era maravilhosa, conheci pessoas incríveis, pertencentes à alta sociedade. Com alguns deles pude até viajar, conhecer lugares que não conheceria se não estivesse em suas companhias. De alguns fiquei até amiga”* (Belabe).

O relato contado por Belabe estabelece conexões extraprograma. Primeiro porque é observado que as relações iminentes a esta situação acabam gerando laços afetivos, denominado por Belabe por amizade. Para se considerar uma pessoa como amiga subentende-se que suas relações perpassaram simples programas, a amizade não envolve apenas afeto, mas também cumplicidade, respeito e fidelidade. Situação presente na fala e nos gestos de Belabe, que devido a um maior estreitamento de relações, apresentando para tal a palavra “maravilhosa”, amizade, conheceu outros lugares, outras realidades diferentes das vividas por ela em meio aos programas com seus clientes. Ao lembrar tais viagens Belabe sorria alegremente e apertava as mãos junto ao peito, atitudes que transpassando sua fala denota uma maior intimidade com estes. Entendemos que não foi apenas o fator viagem que apresentou um maior relacionamento entre Belabe e seus clientes. Pudemos notar através de seu comportamento quando nos contava essa história, que tal relação existia. Pelo menos para ela.

Sobre os devires dessas profissionais em meio a seus trabalhos, Deleuze e Guattari apresentam uma problemática, própria para as análises apresentadas nestas discussões, quando dizem:

Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco ele é uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação [...]. O devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação. O devir nada produz por filiação; toda filiação seria imaginária. O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança (DELEUZE, 1997, p. 18-19).

O pensamento acerca de devir apresentado neste trecho pelos autores relacionados às falas e às análises feitas dos discursos das entrevistadas nos mostram que travestis, assim como o devir, possuem processos únicos e reais de formação: chamam a atenção para o fato de que o devir é da ordem da aliança. Nestes contextos apresentados identifiquei aliança com uma ligação, porém não de assemelhamento, identificação ou ainda filiação como é visto. O conceito de união em meio a estes relatos entende-se como a junção de diferentes relações onde cada indivíduo envolvido e perpassado por estas ampliam seus processos de subjetivação, de desejos em si mesmos. [...] o devir não produz outra coisa se não ele mesmo [...] (Deleuze, 1997, p. 15). Sendo assim observamos que as relações de travestis pautadas em seus programas com diversos clientes ampliam suas construções e entendimentos acerca de si, não estabelecendo assim uma evolução por dependência ou imitação através destas, mas uma evolução única, própria. [...] o que é real é o próprio devir [...] (DELEUZE, 1997, p. 15).

As entrevistadas disseram que em meio às suas relações profissionais haviam diversos perfis de clientes, no entanto todas afirmaram que as chamadas “Mariconas” (homens de meia idade ou idosos que procuram estas profissionais) eram a maioria. Kerly, sobre o perfil de seus clientes, revela-me:

“Tenho clientes de todos os tipos que você possa imaginar: branco, negro, alto, baixo, novos, velhos e maduros, sendo estes dois últimos os que mais nos procuram. Adoram ser penetrados por nós. Os chamamos de mariconas, justamente por quererem dar pra gente. Tem advogado, empresário, farmacêutico, dentista, estudante. Tem de tudo! É bem diversificado” (Kerly).

Kerly nos conta que sua clientela é bem diversificada, não apresentando apenas uma classe ou um padrão social. No entanto, o que nos chama a atenção é que segundo o relato da entrevistada, homens de meia idade e idosos são os que mais a procuram. Em nossa sociedade patriarcal a figura do pai, do avô, ou do advogado, empresário são figuras extremamente másculas e fálicas, de quem se espera comportamentos fortes,

posturas de comando entre outros atributos inerentes a estes. Em contrapartida, esses mesmos homens à noite apresentam comportamentos contrários ao esperado. Analiticamente falando, acreditamos que a carga moral imposta sobre eles é tamanha que somente no momento em que estão com essas profissionais podem realmente demonstrar suas vontades e seus desejos. Em uma conversa com outro grupo de travestis, estas nos disseram que:

“Os homens casados nos procuram querendo ser passivos, pois acreditam que se saírem apenas conosco não serão vistos ou tidos como homossexuais, pois estes entendem que por termos cabelo cumprido, seios e outras formas de mulher, estão saindo de fato com uma mulher” (Sheila).

Nota-se que mesmo saindo com estas profissionais, e exercendo papéis de passivos em suas relações, o pênis das atrizes ultrapassam seu significado social de masculinidade e virilidade para eles: o foco desses clientes é em específico o corpo feminino das profissionais. Os seios e os cabelos cumpridos agregam valor feminino ao imaginário desses homens. Algumas das entrevistadas disseram ser seletas em seus programas, não saindo com qualquer homem e muito menos indo para qualquer lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas primeiras impressões vistas do cotidiano de trabalho das travestis através de suas próprias narrativas e olhares nos mostram que elas possuem opiniões e entendimentos sobre si mesmas. Excluídas e marginalizadas socialmente ao longo da história, essas profissionais vêm a cada dia lutando para serem melhor vistas e compreendidas pela sociedade.

Através de suas histórias percebemos também que falta apoio não apenas por parte da sociedade através de políticas públicas e sociais de inclusão, mas falta o principal apoio, o familiar, a estas pessoas.

Essas profissionais são guerreiras ao se depararem com um mundo fora de suas casas pronto para agredi-las ou matá-las e mesmo assim insistem em viver neste contexto assumindo sua identidade de gênero e lutando por esta identidade.

Por fim, há muito que se pesquisar e apresentar acerca dessas pessoas, uma vez que têm histórias para nos contar e exemplos a nos dar, mostrando-nos que a superação e a vontade de viver dependem somente de cada um de nós e todos temos experiências a ser passadas e mostradas à sociedade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. 1925 - *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual* / Zygmunt Bauman; tradução Plínio Dentzien. - Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BENEDETTI, M. *A batalha e o corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição*. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

BENJAMIN, W. (1987). *Obras escolhidas*. Magia e técnica, arte e política. Vol. 1 (3ª ed.). São Paulo: Brasiliense. 1987. 249p.

BERUTTI, Eliane Borges. *Travestis: retratos do Brasil*. Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. *Projeto Somos: Desenvolvimento Organizacional, Advocacy e Intervenção para ONGs que trabalham com GAYS e outros HSH* / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e Aids. Brasília: Ministério da Saúde. 2005.

BUTLER, Judith. *Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, 2ª ed., Autêntica. Belo Horizonte, 2000. P. 7-168.

CARVALHO, Mario; CARRARA, Sergio. Em direção a um futuro trans? Contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, nº 14. Ago, 2013. P. 319-351. Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos. Rio de Janeiro, Brasil.

CECCARELLI, P.R. Prostituição – corpo como mercadoria. *In: Mente & Cérebro – Sexo*, v. 4 (edição especial), 2008.

DELEUZE, Gilles, 1925 – 1995. *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4/ Gilles Deleuze, Felix Guattari; tradução de Suely Rolnik. – São Paulo: Ed. 54, 1997 176p. (Coleção TRANS).

DOREA, Guga. *Gilles Deleuze e Felix Guattari: heterogênese e devir*. Margem, São Paulo, nº 16, p. 91-106, Dez. 2002.

DUTRA, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7 (2), 371-378. Recuperado em 14 de novembro, 2012, de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf>

FACCHINI, Regina. *Histórico da luta de LGBT no Brasil*. Conselho de Psicologia da 6ª região (Org.). *Psicologia e diversidade sexual* / Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região – São Paulo: CRPSP, 2011. (caderno temático 11) 92p.

FACCHINI, Regina. “*Sopa de Letrinhas*”? – movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São Paulo / Regina Facchini. – Campinas, SP. 20002.

FERRERIA, R.S. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. *Ci. Inf., Brasília*, v. 38, n. 2, p. 35-45, maio/ago. 2009.

GARCIA, M.R.V. Prostituição e atividades ilícitas entre travestis de baixa renda. Universidade de São Paulo. *Cadernos de Psicologia do trabalho*, v. 11 n. 2, pp. 241-256, 2008.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: Bauer, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. (4ª ed.) Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Editora: Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, RJ, ano 1988, 158 p.

GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo. Editora UNESP, 2000.447p.

GRUPO GAY DA BAHIA (GGB). *Assassinato de LGBT no Brasil: relatório anual. 2001*. Disponível em: <http://www.ggb.org.br/artigos-opiniao.html> Acesso em: 04 fev. 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. / Don Kulick; (tradução, Cesar Gordon). – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história Oral*. 5 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005. 291 p.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. 8ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças* / Richard Miskolci – 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2013 – (Série cadernos da diversidade, 6) p. 21-35.

NAMASTE, Ki. *Genderbashing: sexuality, gender, and the regulation of public space*. Environment and Planning D: Society and Space, v. 14, n. 2, p. 221-240, 1996.

PELÚCIO, L. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu* p. 217-248, 2005.

PELÚCIO, L. - SBS – *XII Congresso Brasileiro de Sociologia. GT 17- Sexualidade, Corporalidades e Transgressões: Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos t-lovers: a construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis*. Fevereiro e Abril de 2005.

PERES, Wiliam Siqueira. Subjetividades das travestis brasileiras: interfaces entre estigmas e construção da cidadania. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7: Sexualidades, Corporalidades e Transgêneros: narrativas fora da ordem* – ST 16 / UNESP/Assis – SP, 2006..p. 1-8.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo*. Editora Brasiliense, São Paulo, 1987, 276 p.

SILVA, Hélio R. S. *Travesti: a invenção do feminino/ Hélio R. S. Silva* – Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ISER, 1993. 176p.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. *Revista Geouerj*, v. 1, nº 18, p. 135-149, 2008.

SILVA JUNIOR, Assis Moreira. *Diversidade Sexual e inclusão: uma tarefa a ser completada*. Editora Lemos e Cruz, Franca, 2014. 216p.

SIMÕES, Júlio A. & FACCHINI, Regina. 2009. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT. *Coleção História do povo brasileiro*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo. 196p.

THOMPSON, Paul. 1992. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro. Editora: Paz e Terra.

TREVISAN, João Silvério. O espetáculo do desejo: homossexualidade e crise do masculino. In: CALDAS, Dario (Org.). *Homens em São Paulo*. Editora: SENAC, São Paulo, 1997.

(Recebido em setembro de 2015; aprovado em novembro de 2015)